



A Santa Sé

DISCURSO DO PAPA FRANCISCO À DELEGAÇÃO DA GLOBAL SOLIDARITY FUND

*Átrio da Sala Paulo VI
Quarta-feira, 25 de maio de 2022*

[Multimídia]

Discurso improvisado

Há este discurso preparado: não há necessidade de o repetir. Levai-o no bolso, lê-lo-eis depois!

Agradeço-vos por este encontro, porque gosto quando as pessoas estão nas fronteiras, nas periferias. Simplesmente porque Jesus foi às periferias: Ele foi lá para mostrar o Evangelho. As periferias, quer do corpo, quer da alma; porque há pessoas que são abastadas, mas que têm a alma destruída, dilacerada: ide ter com elas também; tantas pessoas que precisam de *proximidade* .

Pois a proximidade é o estilo de Deus. Ele mesmo o diz: “Qual povo tem a divindade tão próxima como Eu estou contigo?”, no Deuterónimo (cap. 4). Por isso, aquelas expressões religiosas — quer de congregações religiosas, quer de cristãos que se afastam para manter a fé — é uma reedição do farisaísmo mais antigo. Porque querem ter uma alma limpa, mas com esta atitude talvez terão uma alma limpa, mas têm o coração sujo de egoísmo. Ao contrário, ir às periferias, ir e encontrar-se com as pessoas que não contam, os descartados da sociedade — porque estamos a viver a cultura do descarte, e as pessoas são descartadas — ir lá foi exatamente o que Jesus fez.

Depois, com os migrantes: mencionastes os quatro passos: acolher, acompanhar, promover e integrar. Com os migrantes, percorrei este caminho de integração na sociedade. Não é uma obra de caridade, com os migrantes, deixá-los lá. Não. Ajudá-los e integrá-los, com a educação, com a

colocação profissional, com todas estas coisas. Lembro-me da tragédia de Zaventem — digo muitas vezes isto — o aeroporto belga: aquela tragédia foi levada a cabo por jovens belgas, mas filhos de migrantes, não integrados, guetizados. Porque um migrante não integrado está a meio caminho, ele está a meio caminho, e é perigoso. É perigoso para ele, pobrezinho, porque será sempre um mendigo. É também perigoso para todos. Integrar-se, não ter migrantes como uma pedra no sapato, que é problemático.

Mas para compreender os migrantes, temos de nos ver a nós mesmos: a maioria de nós somos filhos ou netos de migrantes. Tantos! Eu sou filho de migrantes. Uma vez, alguém dos Estados Unidos disse-me: “Mas não, nós não somos migrantes, já estamos enraizados aqui!” — “Não percais a memória: sois um povo de migrantes, de migrantes irlandeses e de migrantes italianos. Os irlandeses trouxeram-vos o uísque e os italianos trouxeram-vos a máfia”. Olhai sempre para as raízes. Depois, olhai para a Europa: a Europa foi feita por migrantes; e hoje, para um desenvolvimento sério, a Europa precisa dos migrantes. Há um inverno demográfico, no qual não há crianças, onde o futuro é cada vez mais estreito: que venha aquela boa gente, mas é preciso integrá-la! Integrá-la. E por isso estou grato pelo que fazeis com eles. Não é uma esmola, não, é a fraternidade.

Depois, o vosso título: procurar também um novo tipo de economia. A economia deve ser convertida, deve ser convertida agora. Devemos passar da economia liberal para a economia partilhada pelo povo, para a economia *comunitária*. E há muito trabalho sobre isto com jovens economistas, incluindo as mulheres. Por exemplo, entre vós, na América, há a Mazzucato, que realmente deu um passo em frente na reflexão sobre economia, e outras mulheres muito capazes. Não podemos viver com um *pattern* de economia que vem dos liberais e do Iluminismo. Nem sequer podemos viver com um *pattern* de economia que vem do comunismo. Precisamos de... uma *economia cristã*, digamos. Procurai as novas expressões da economia desta época: mencionei a Mazzucato que é filha de migrantes nos Estados Unidos, mas há outras. Na Inglaterra há outra mulher, e há também homens que pensam numa economia mais enraizada no povo.

Estes são os aspetos que me vêm à mente e que vos digo a fim de sair da formalidade deste discurso. Ide em frente, sujai as mãos. Arriscaí. E olhai para as muitas periferias: Sudeste asiático, parte da África, parte da América Latina. Tantas periferias, tantas, que magoam o coração. E obrigado pelo vosso trabalho! E rezai por mim, por favor. Mas rezai a favor, não contra.

Obrigado!

Agora concedo-vos a bênção: *God bless you all, the Father, the Son and the Holy Spirit!*

Discurso preparado

*Querido irmão Cardeal Tomasi,
queridos amigos!*

Estou feliz por me encontrar novamente convosco e por ver que o vosso caminho progride.

O vosso nome, *Global Solidarity Fund*, está centrado numa palavra-chave: *solidariedade*. É um dos valores fulcrais da doutrina social da Igreja. Mas para se tornar concreto, deve ser acompanhado de proximidade e compaixão pelo próximo, pela pessoa marginalizada, pelo rosto do pobre, do migrante.

A composição do grupo com que hoje aqui representais o *Global Solidarity Fund* é significativa: pertenceis a âmbitos muito diferentes, mas trabalhais em conjunto para dar vida a uma economia mais inclusiva, para criar integração e trabalho para os migrantes, em espírito de escuta e de encontro. Um percurso corajoso!

Agradeço-vos os dons que me trouxestes da parte dos migrantes que participam nos vossos programas na Colômbia e na Etiópia. Abençoo cada um deles e abençoo a vós e a vossa obra. Ide em frente neste compromisso de apoio aos migrantes e às pessoas mais frágeis, pondo em comum os vossos talentos. E não vos esqueçais de rezar por mim!